

Texto apresentado em:

FLEURI, R.M.(Org.) Educação intercultural: mediações necessárias. Prefácio de Reinaldo Matias Fleuri. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003, p 9- 15.



Educação intercultural

mediações necessárias



DP&A
editora

Reinaldo Matias Fleuri (org.)

a Fleuri

i 617 e



Sumário

- Autores e autoras 7
- Apresentação
- Educação intercultural: mediações necessárias 9
Reinaldo Matias Fleuri
- Multiculturalismo e educação intercultural:
vertentes históricas e repercussões atuais na educação 17
Gilberto Ferreira da Silva
- Entre limites e limiares de culturas:
educação na perspectiva intercultural 53
Maria Izabel Porto de Souza
Reinaldo Matias Fleuri
- Educação intercultural e complexidade:
desafios emergentes a partir das relações
em comunidades populares 85
Nadir Esperança Azibei
- Mídia e educação: contribuições dos estudos
da mídia e comunicação para uma pedagogia
dos meios na escola 109
Maria Isabel Orofino
- Mídia e mediações culturais na escola 125
Maurício José Siewerdt
Reinaldo Matias Fleuri
- Referências bibliográficas 151

Apresentação

Educação intercultural: mediações necessárias

Reinaldo Matias Fleuri

Num mundo globalizado, onde as informações, os capitais e as mercadorias atravessam fronteiras, torna-se inevitável a pergunta formulada por Alain Touraine: "Podemos viver juntos?" (1998, p. 9). E o mesmo autor traz a resposta: "Nós já vivemos juntos". Estamos coligados por redes de televisão, de comunicação informática, consumimos produtos que circulam por todo o planeta, discutimos problemas que atingem a todos.

Quanto mais as culturas do mundo se aproximam, mais são sensíveis às diferenças entre elas. (...) Com a globalização do saber e das comunicações, está-se, pela primeira vez na história, "condenado" a pensar a unidade humana na base da sua diversidade cultural (STOER, 2001, p. 245).

Entretanto, a globalização pode representar uma palavra-chave de retóricas estratégicas, que constituem um meticuloso jogo político em que os discursos vão instituindo proposições quase unanimemente inquestionáveis. Globalizar pode significar homogeneizar, diluindo identidades e apagando as marcas das culturas ditas inferiores, das raças, etnias, gêneros, linguagens, religiões, grupos etc. que, segundo a lógica das narrativas hegemônicas, foram identificadas como portadoras de deficiências, inclusive de racionalidade. Assim, "neste final de milênio, parece que não se trata mais apenas de lutar pela sobrevivência física, material, dos grupos marginalizados; trata-se agora de lutar pela própria possibilidade de sua existência no campo do simbólico" (COSTA, 1998b, p. 9), compreendendo suas culturas como sistemas originais de viver e pensar.

Neste contexto, coloca-se a questão:

Se as culturas são singulares e constituem os seus significados em uma semântica e léxico próprios, parece impossível falar de uma cultura, a partir de outra, sem praticar alguma forma de violência, sem imposição de sentidos. Seria então concebível e exequível um projeto que aspire ao diálogo entre culturas diferentes? Culturas diferentes podem conversar entre si? É possível conceber projetos coletivos que preservem as diferenças? (COSTA, 1998a, p. 65-66).

A questão é muito pertinente, porque aponta a complexa e fluida trama de relações sociais e de poder que configuram as relações culturais, hoje tematizada nos estudos e nas práticas sociais e educativas centradas na *multiculturalidade* e *interculturalidade*. Hoje, esses dois termos apontam uma grande variedade de perspectivas e propostas desenvolvidas em um amplo debate que vem se constituindo recentemente. É esse o tema abordado por Gilberto Ferreira da Silva em "Multiculturalismo e educação intercultural: vertentes históricas e repercussões atuais na educação". O capítulo focaliza o debate estabelecido historicamente sobre o multiculturalismo, retomando algumas das principais correntes que deram origem à implementação de políticas de ação afirmativa no contexto norte-americano, para apresentar as concepções e práticas desencadeadas nos cenários latino-americano e europeu. Da mesma forma, tematiza a proposição da perspectiva intercultural para o campo da educação, como uma possível resposta ao contexto cultural brasileiro. Gilberto da Silva considera que a noção de interculturalidade tenha potencial para construir alguns referentes básicos que sustentam a educação intercultural como projeto de intervenção na realidade constituída pela diversidade cultural brasileira.

Voltando-nos para o campo da educação popular, Maria Izabel Porto de Souza e eu, em "Entre limites e limiares de

culturas: educação na perspectiva intercultural”, discutimos a perspectiva intercultural da educação, analisando a complexidade tanto da formação da identidade pessoal num contexto multicultural quanto da relação entre sujeitos de culturas diferentes. A identidade, sendo definida historicamente, é transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam, de tal forma que, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar. Na maioria das vezes, as relações entre sujeitos e entre culturas diferentes são consideradas a partir de uma lógica binária (índio x branco, centro x periferia, dominador x dominado, sul x norte, homem x mulher, criança x adulto, normal x deficiente...) que não permite compreender a complexidade dos agentes e das relações subentendidas em cada pólo, nem a reciprocidade das inter-relações, nem a pluralidade e a variabilidade dos significados produzidas nessas relações. Entretanto, a complexidade da relação entre culturas evidencia a necessidade de analisar a abordagem da existência de uma fronteira cultural, uma borda deslizante e intervalar nas relações, para além de uma simples divisão e classificação binária da existência humana. Esse espaço intervalar da cultura aparece como um espaço da intervenção (tensão-negociação-tradução) que introduz a reinvenção criativa da existência, fundada num profundo desejo de solidariedade social: a busca do encontro. Nesse estudo, focalizamos uma experiência concreta de educação intercultural realizada entre crianças e educadores(as) do Projeto Oficinas do Saber, investigando como educadores e

educadoras tratam a própria cultura quando experimentam concretamente relações interculturais.

Na mesma direção, Nadir Esperança Azibeiro explora a dimensão complexa da interculturalidade em práticas de educação popular. No capítulo “Educação intercultural e complexidade: desafios emergentes a partir das relações em comunidades populares”, parte do pressuposto de que a educação escolar e os processos de formação de educadores e de educadoras não podem estar alheios aos contextos plurais e complexos em que nos movemos hoje. Busca refletir sobre o que significa, na prática, *educar para uma cidadania plural, pensar a educação levando em conta a pluralidade de culturas de nossas sociedades complexas, inverter prioridades e democratizar o acesso e a permanência na escola das crianças e jovens das classes populares*. Para além de discursos sobre carência cultural ou diferenças culturais que têm gerado propostas de educação compensatória, Nadir Azibeiro reflete sobre a possibilidade da construção cotidiana de espaços de exercício de uma cidadania plural. Tal perspectiva, em vez de enquadrar todos os indivíduos num estado de direito universal, possibilita a criação de um campo de forças em que cada conjunto de significados pode eclodir e interagir. Isso não significa cair em formas extremas de relativismo cultural, em que o *vale-tudo* pode deixar espaço aberto para que as regras do mercado se estabeleçam como critério absoluto de valor e verdade. A autora questiona os preconceitos e os estereótipos, propondo reinventar possibilidades de deixar emergir e interagir vozes e significados tradicionalmente reprimidos e excluídos. Tomando como referência uma experiência de educação intercultural vivida com uma comunidade de periferia, defende que as perspectivas da interculturalidade e da complexidade podem redimensionar

tanto os processos de formação de educadores e de educadoras quanto a atuação cotidiana em sala de aula.

Os outros dois capítulos se voltam para a discussão das mediações que se desenvolvem no campo da educação, particularmente pela incidência da ação da mídia na escola. A atualidade dessa temática se evidencia pela importância da mídia como fator de comunicação, que coloca em contato instantâneo as mais diferentes pessoas e contextos de todo o planeta, com profundas e vastas implicações para as relações interculturais e práticas educacionais: não obstante o caráter massificador inerente às redes de comunicação que atravessam o mundo inteiro, os diferentes grupos e povos tecem múltiplos processos históricos e sociais de mediações culturais e educacionais, que podem potencializar tanto sujeições quanto resistências.

Em “Mídia e educação”, Maria Isabel Orofino estuda as *contribuições dos estudos da mídia e comunicação para uma pedagogia dos meios na escola*. Discute, a partir da contribuição das teorias da comunicação, o papel da escola enquanto mediadora das informações veiculadas pela mídia. Enfoca a comunicação social a partir das teorias dos usos sociais da mídia e do consumo cultural, sobretudo da obra de Jesús Martín-Barbero e Guillermo Orozco, que elaboraram a teoria latino-americana das mediações. Nessa óptica, Maria Isabel Orofino propõe que a escola seja um espaço de uso dessas tecnologias de comunicação como uma questão de direito à voz e à visibilidade cultural dos estudantes, pois, cada vez mais, a cultura da escola convive e compete com a cultura da mídia. Neste sentido, torna-se imprescindível analisar a presença das mídias no cotidiano dos estudantes, para compreender a complexidade das relações que se desenvolvem na educação

escolar, envolvendo a articulação entre diferentes identidades sociais, bem como as relações interculturais. É preciso, assim, prestar atenção nos modos como as mídias mobilizam as audiências e nos usos que diferentes grupos sociais fazem das tecnologias de informação e comunicação.

Sob a mesma perspectiva teórica, em “Mídia e mediações culturais na escola”, elaborado por Maurício José Siewerdt em co-autoria comigo, analisamos o processo de pesquisa realizado junto a um grupo de professores de três escolas articuladas ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Procuramos entender que mediações são recorrentes para esses professores, diante da necessidade de seleção crítica dos recursos da linguagem audiovisual (televisão e vídeo) para a sua utilização escolar. Buscamos localizar na formação cultural desses professores, através de suas histórias de vida e de suas posturas diante das mídias, o lugar onde se materializam as mediações. Observamos que os professores e as professoras, de acordo com as mediações vivenciadas em seu contexto social e em sua história pessoal, atribuem significados diferentes aos produtos da mídia (por exemplo, os filmes em videoteipe), e são esses significados que orientam o uso (ou a recusa) desses meios como subsídios didáticos na educação escolar.

O conjunto desses capítulos representa uma expressão parcial das pesquisas que vêm sendo realizadas pelo Núcleo Mover – Educação Intercultural e Movimentos Sociais (FLEURI, 2002) – e traz contribuições para o debate sobre educação intercultural, mídia e mediações. Assume perspectivas políticas e epistemológicas comprometidas com as lutas das classes populares, na mesma direção dos estudos de Marisa Costa (2000), Vera Candau (2002), e Ana Canen e Antonio Flávio Moreira (2001), entre outros. Entretanto, o estudo de Gilberto

Silva amplia o conhecimento dos autores de referência para a compreensão da educação multicultural e intercultural, colocando em luz, além de autores norte-americanos e europeus, principalmente autores latino-americanos. Já o capítulo de Nadir Azibeiro, assim como o de Maria Izabel Souza, em co-autoria comigo, dá grande ênfase à perspectiva epistemológica da complexidade para analisar experiências e propostas de educação intercultural no campo da educação popular, para além da dimensão curricular e escolar. Nessa direção, buscando compreender os processos educativos das práticas estritamente didáticas e curriculares, Maria Isabel Orofino, assim como Maurício Siewerdt, com a minha colaboração, esboça estudos sobre a interferência das mídias e sobre o significado das mediações no cotidiano da escola.

Com esta modesta contribuição, esperamos compartilhar contigo, leitora e leitor, as lutas e esperanças que nos animam a assumir os enormes desafios que a sociedade e a educação brasileiras vêm enfrentando ao estreitar as conexões e aprofundar os conflitos emergentes no mundo atual.